

TRANCOSO-BAHIA

De Hippie a Chique

Da vila jesuíta do século XVI à vila de pescadores do século XX, da vila de naturistas dos anos 70 à vila chique dos anos 2000, Trancoso é uma só – e múltipla sempre. É rústica e sofisticada, dos farofeiros e da elite. Indígena e internacional. É alma virgem e boémia experimentada. É silêncio puro e baiana que dança. É praia, mata, paz. É amor que fica e se cola na pele. Para sempre.

TRAVEL

BRASIL

O quadro tinha oitenta mil estrelas. Tantas quanto o céu de Trancoso em dias limpos. Não era o caso. Hoje chovia. Muito. Tanto que o “espelho” que dá nome a esta praia a sul de Trancoso, por refletir o céu nas suas águas calmas, cristalinas e rasas (ao pôr do Sol ou em noites de lua cheia durante a maré baixa, quando se formam piscinas naturais) não refletiu nada nestes dias de primavera no sul da Bahia. E, mesmo substituindo os reflexos cristalinos por céu cinzento-escuro e o sol intenso por pingas grossas de chuva, a temperatura do ar não desceu abaixo dos 25 graus, os mergulhos continuaram quentes e as caipirinhas bem geladas. Mas já lá iremos.

O quadro com oitenta mil estrelas tinha sido apalavrado a um português que nunca o veio buscar. Foi o único quase-comprador lusitano de uma peça de arte de Rolen Dantas. Rolen é artista plástico e nasceu no estado da Bahia, a quinta maior das 27 unidades federativas do Brasil, com quinze milhões de habitantes, situada a Nordeste, o litoral mais extenso do país (com cerca de mil quilómetros de costa!) e capital estadual em Salvador. Mas, mais do que baiano de gema, Rolen é filho da praia, desta que reflete, constantemente considerada uma das mais bonitas do Brasil, Curuípe de nome oficial.

Conhecemos o artista na sua casa-atelier ainda em fase final de construção. “Estou aqui há cinco anos”,



1



2



3

O Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal, é o primeiro e único Parque Nacional e Histórico brasileiro. Com mais de 22 mil hectares, foi criado em 1943 e faz parte do Património Mundial Natural da UNESCO da Costa do Descobrimento.

1 Foz do rio Trancoso

2 Igreja de São João Batista, Trancoso

3 Fasano Trancoso Hotel e Villas

4 Uxuá Casa, Hotel & Spa

conta-nos enquanto enche de vida e cor mais um remo de canoagem (tem dezenas já pintados, pendurados nas traves de madeira do teto). “Comecei na praia e estive lá uma década. Nunca saí do Espelho, mas o ano passado fui expor o meu trabalho em Miami, na Art Basel. Foi muito legal”, diz-nos de sorriso largo.

Chegámos ao *atelier* de Rolen depois de um par de mergulhos, algumas caipirinhas de cacau servidas no fruto e um almoço indígena de peixe: badejo na folha de paxiúba (a palmeira que “caminha” pela floresta, à procura da luz) com abacaxi, aipim, batata-doce, abóbora, milho e banana-da-terra. Tivemos de pedir ajuda para lá chegar. Não existe nada parecido a uma rua principal, nem tão pouco tabuletas com indicações. Subimos uma ladeira de terra batida, repleta de valas recém cavadas pelas chuvas intensas, chinelámos na lama, espalmámos mosquitos. O suor escorria-nos na testa e a respiração estava ofegante quando começámos a ouvir a música vinda de uma casa branca de linhas modernas e amplas janelas.

A origem das espécies

Vimos tucanos. Contavam-se 500 numa das muitas telas coloridas, vibrantes e de inspiração *naïf*, expostas nas paredes. “Esta demorou um mês a pintar”, refere o artista de 41 anos, que se inspira no mar, no mergulho, para criar peças em vários tipos de suporte: telas, remos, mandíbulas de baleia e até bóias náuticas (transformadas nos candeeiros de teto que iluminam o alpendre).

Vimos búfalos. Dezenas e dezenas e dezenas de búfalos... (para não dizer centenas, porque não tínhamos forma de os contar). Estes búfalos não estavam desenhados numa tela na parede, mas lembravam um quadro impressionista. Era impressionante...: perdiam-se de vista naquela planície imensa, ensopada pela chuva e pintada de verde-musgo.

“É a fazenda de um português, um dos maiores criadores de búfalos do país. Usam-nos para fazer mozzarella”, conta Adriano por entre os cliques das máquinas fotográficas. Moacyr Costa Pereira de Andrade é o português de que o nosso guia falava, cônsul de Portugal em Porto Seguro, proprietário (controverso, segundo lemos mais tarde em alguns jornais) de milhares de hectares de terras da região, desde o Rio dos Frades até Trancoso.

Da vila de Trancoso até à Praia de Curuípe contam-se menos de trinta quilómetros, mas em dias de chuva como este, pode demorar-se mais de uma hora a percorrê-los. Dos 26 quilómetros, vinte são em



4



estrada de chão, como dizem por aqui. “Partem-se muitos carros neste caminho”, comenta-nos Thomas, o motorista baiano, entusiasta e estudioso de aves nas horas vagas. Thomas faz esse comentário enquanto passamos por um condutor que tentava recolocar o para-choques no carro apeado à beira da estrada. Isto aconteceu de manhã, na ida para a Praia do Espelho. Ao final do dia, no regresso a Trancoso, o homem e o carro continuavam no mesmo sítio, acompanhados de mais um par de homens, que tentavam ajudar.

As condições da estrada só são indiferentes para quem chega de helicóptero aos condomínios de luxo das imediações, como o Outeiro das Brisas, que tem um heliporto, uma pista de pouso para pequenas aeronaves, um campo de polo e até uma réplica do Quadrado de Trancoso... Mas essas condições não são indiferentes para os ambientalistas, como os voluntários da ONG Despertar, que sublinham a importância da preservação desta região de Mata Atlântica. Estão satisfeitos por o aumento exponencial do turismo na zona não se ter refletido em cinzento de asfalto no caminho. “Estamos no interior da Reserva de Mata Atlântica da Costa do Descobrimento, tão importante quanto a Amazónia”, enfatiza Laura Ramallo, diretora da OTT (Organização Turismo Trancoso).

É aqui que fica o Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal, o primeiro e único Parque Nacional e Histórico brasileiro. Com mais de 22 mil hectares, foi criado em 1943 e faz parte do Património Mundial Natural da UNESCO da Costa do Descobrimento. E porquê? Por razões históricas, culturais, naturais, estéticas, antropológicas, conceptuais. Antes de mais, por estar no primeiro pedaço de terra avistado pelos navegadores portugueses no Brasil, em 1500; a primeira região a ser colonizada, testemunho vivo da História (goste-se ou não dela). Depois, pela diversidade de paisagens: praias de águas cristalinas, vegetação de restinga (ecossistema costeiro de solos arenosos e salinos), manguezal, praias pluviais dos rios Caraíva e Corumbau, campos de mussununga (ecossistema único da Mata no sul da Bahia) e Mata Atlântica; E, por fim (deixando aqui insinuado que os últimos vêm sempre em primeiro...), por ser um dos derradeiros redutos dos povos indígenas originais, os Pataxós.



1

As casas foram erguidas respeitando os contornos do jardim.



3



4

Axé, Uxué

Era bem gostoso apreciar a chuva a partir da varanda do quarto, temos de admitir. Mesmo sabendo que ela nos boicotava os planos de praia, as fotografias de céu azul e mar transparente, nos impedia de fazer o caminho até Caraíva e de visitar a aldeia dos índios pataxós...

Ficámos no quarto do piso superior da Casa do Lago. Em baixo, existem mais dois. A partir dessa varanda de estilo colonial, via-se o lago com carpas japonesas (Koi), um elemento tradicional do jardim japonês que representa meditação, calma e espiritualidade, e muita vegetação: largas folhas de palmeira e árvores de fruto também. Jacuticaba, por exemplo. A fruta nativa da Mata Atlântica, que cresce diretamente no tronco da jabuticabeira, agridoce e rica em antioxidantes, vitamina C e ferro, símbolo da biodiversidade nacional, mais do que uma árvore qualquer, é ligação direta à cultura brasileira.

Quando, há 17 anos, o holandês Wilbert Das e o norte-americano Bob Shevlin se apaixonaram por Trancoso e compraram esta propriedade de dez mil metros quadrados no centro do vilarejo, em pleno Quadrado, tinham em mente reconstruir uma casa para receber família e amigos. O projeto cresceu, o amor pelo lugar também e destes ventres nasceu o Uxué Casa, Hotel & Spa. Em vez de uma, existem hoje 16 casas, cada uma com um nome próprio, todas únicas, nenhuma igual.

Muito mudou desde 2009, só a natureza é que não. “Se você vê o hotel de cima, ele é sinuoso, sinuoso. Mas, cá em baixo, entre as casas, não se sente. Está tudo no meio da vegetação, você acaba por fazer estes caminhos meio místicos e não dá conta das outras edificações, que foram sendo construídas nos espaços que já existiam.”, descreve Luciana Sá, diretora de vendas.

As casas foram erguidas respeitando os contornos do jardim. Wilbert desenhou-o com a ajuda de um índio pataxó que, no processo, não parava de repetir “Uxué! Uxué!”. Uxué significa “maravilhoso” no idioma nativo. Ficou batizado.

1 e 4
Uxué Casa,
Hotel & Spa

2
Uxué Maré



1



2

A dança da chuva

Por pouco não vimos nem um índio. O programa da nossa semana no sul da Bahia foi mudando ao ritmo da meteorologia. A chuva obrigou-nos a desvios, a alterações no itinerário. E o plano de visitar Caraíva e a Terra Indígena Barra Velha foi sendo protelado (até ter de ser mesmo cancelado).

“Você fica umas quatro, cinco horas lá dentro, assiste ao ritual, ouve a história deles na primeira pessoa, come peixe assado na folha da chuva, dança, participa nos rituais, conhece o pajé, o cacique. Entende?” Entendíamos. Enquanto o nosso bem-baiano Adriano nos descrevia as atividades incluídas na visita à aldeia dos pataxós, mais indignados ficávamos com a chuva que teimava em não dar tréguas lá fora. “Também pode dormir lá”, acrescentava ele tentando preencher o nosso silêncio amargurado.

A Bahia possui uma das maiores populações indígenas do Brasil, com destaque para a etnia Pataxó no extremo sul (Porto Seguro, Prado, Caraíva). Barra Velha, onde vivem quinhentas famílias, é uma das mais antigas, central para a cultura Pataxó. Tem escolas e posto de saúde, e algumas rotinas mantêm-se inalteradas desde o século XVI. É o caso do método de produção de farinha que, juntamente com o artesanato, vendido aos turistas que os visitam, são grande parte da sua fonte de rendimento. Com a chuva, foi também pelo ralo a ideia de trazer para Portugal um colar Pataxó, daqueles que oferecem proteção, feitos de sementes e abençoados de energia da mãe natureza...

Barra Velha fica seis quilómetros a sul de Caraíva, o mais antigo vilarejo do Brasil, famoso por não ter carros, pelas ruas de areia, iluminação subterrânea e um estilo de vida simples (e livre), em torno do

1

Uxuá
Carlos França, diretor de
hospedagem, e Luciana Sae,
diretora de vendas

2, 3, 5 e 6

Uxuá Casa,
Hotel & Spa

4

Dai Nahabedian (nutricionista) e
Chef Ju Pedrosa, Vida Restaurante
& Bar
Uxuá Casa, Hotel & Spa



3



4



5



6

1 e 5
Vida Restaurante
& Bar, Uxuá Casa,
Hotel & Spa

2
Uxuá Maré

3
Calá & Divino

4
Uxuá Casa,
Hotel & Spa

6
Maion
Hotel Boutique



A Bahia possui uma das maiores populações indígenas do Brasil, com destaque para a etnia Pataxó no extremo sul (Porto Seguro, Prado, Caraíva).

rio e do mar. Durante muitos anos, a comunidade viveu da pesca. Pescavam, salgavam e transportavam o peixe no lombo de mulas ou barcos até as cidades vizinhas para venda. Só em 2007 chegou a luz. Até então, para lá chegar a partir de Trancoso, só pela praia – ou pedindo “boleia” a um barco de pesca. Hoje, a travessia de barco só é feita na parte final do trajeto (numa viagem de menos de cinco minutos pelo rio Caraíva) e a vila percorre-se a pé, em carroças ou quadriciclos.

Teríamos conseguido chegar lá perto se percorrêssemos a pé, pelo areal, esses dez quilômetros que separam Caraíva da Praia do Espelho. Mas, quando pensámos nisso, era tarde demais. A carrinha já estava de partida – no sentido literal e metafórico.

Reflexos do divino

Quase não vimos índios pataxós. Quase. Porque o almoço no Maion Hotel Boutique, o tal peixe badejo na folha de paxiúba, fez-se acompanhar de um representante da comunidade. “É um funcionário do hotel, que vive na aldeia indígena”, explica o diretor, Léo Barbosa, enquanto nos estende a já falada caipirinha de cacau servida dentro do próprio fruto.

Formávamos um semicírculo à volta do fogareiro onde o peixe assava envolto da tal folha de palmeira. Era como um ritual. Homenageavam-se as tradições ancestrais, as matérias-primas nascidas daquela natureza exuberante, as técnicas, a simplicidade. O cheiro vindo da grelha parecia um íman, uma força superior que nos atraía para aquele canto da esplanada em cima da praia. Estávamos possuídos por uma força sobrenatural – uma fome sobrenatural!

Henrique Cook (assim mesmo, nome artístico do cozinheiro de serviço, de apelido Barbosa), apressava-se em terminar a primeira parte da refeição (ainda se seguiria um arroz do mar). Com o seu bigode afiado,

1



o cabelo longo e encaracolado por baixo do chapéu de cozinheiro e um colar índio por fora da jaleca, fazia condizer a sua descontração com o lugar.

O Maion é hotel de apenas treze quartos que se cola ao mar sem o invadir. Seis das suas suites estão assentes na areia da praia, a 15 metros da orla do Atlântico, as outras sete no topo da falésia, encaixadas na mata. São 72 degraus que as separam e parecem dois planetas distintos.

Algumas das oito suites do Calá & Divino também ficam no topo da falésia, existe também uma na praia, outras com vista desbragada para o oceano... Este hotel é vizinho do Maion, fica na outra ponta da Praia do Espelho. Mas parecia outra praia, pensámos à chegada.

1 Chef Neide, Calá & Divino
2 Calá & Divino



2

Quase não falámos. Enquanto percorríamos as zonas sociais do hotel, a mata onde está encaixado, enquanto admirávamos esta faixa de Atlântico de cima e mesmo quando descemos para o tocar, havia uma espécie de silêncio cerimonial autoimposto.

Numa praia só, todos os postais: os coqueiros que se vergam quase até tocar na areia; as falésias encrespadas cor de barro com mata verde-intenso no topo; as areias pintadas de negro, salpicadas de brilhantes; o rio que vem da floresta, corta a areia e desliza até ao mar; as águas transparentes que mudam de cor a cada minuto. A beleza quase virginal, uma pureza, um assombramento.

It's a kind of magic

Vimos o Divino. Entre a simplicidade da arquitetura e o charme da decoração assinada pela proprietária de origem sueca (e na região há mais de 20 anos), os silêncios apenas entrecortados por piões de aves que só Thomas conseguia identificar, sentimos a “magia”... A possibilidade (a ânsia?!) de reconexão. E a vontade imperiosa de nos despirmos de tudo o que estava a mais: tanto dos sapatos que abandonámos rápido, como das pressas que trazemos sempre agarradas à pele.

Vimos também Calá. As cerâmicas do artista João Calazans, antigo proprietário desta fazenda, são parte integrante da decoração do hotel, perfeitamente enquadradas com as madeiras de demolição e o cimento queimado da arquitetura. Uma homenagem ao artista cujo trabalho fez capa do livro da Taschen “Living in Bahia” (de 2008).

O colorido baiano chega servido em bandejas, descido o caminho que nos leva até à praia e ao bar da praia. Serve-se carne de sol com aipim frito e camarão empanado no coco, por exemplo. Serve-se “Amor de Verão”, uma “Manhã Fresca” ou “Batida Divina” e águas de coco para intercalar com os cocktails feitos de fruta tropical. Mas esse colorido baiano sente-se sobretudo nos sorrisos de Beto e seus companheiros, que chegam às espreguiçadeiras coordenados como num desfile cheio de samba e axé.

Enquanto provámos parte da ementa do restaurante-bar de praia do Calá & Divino em *fast-forward*, demos mergulhos quase no mesmo nível de intensidade. A temperatura do ar e do mar estava similar. Não experimentámos enterrar o corpo na areia, para testar os alegados efeitos terapêuticos daquela areia negra, uma mistura de minerais. Nem barrámos

1 a 4

Fasano Trancoso
Hotel e Villas

1

a argila das falésias no corpo, apesar de ser outro fenômeno comum nesta zona da praia. “Segundo os especialistas, a areia negra serve para tratamento de dores nos ossos e articulações. Por isso, muitas pessoas cavam um buraco e se enterram. Só deixam o pescoço de fora.”, conta o guia, Adriano. “A areia brilha, você pega e a sua mão fica brilhando.” Parece magia.

Aqui não há bares, não há música nem colunas, não há guarda-sóis, não há hype.

Água forte em pedra dura

Brilhantes ficaram os nossos olhos quando, a meio do passeio pela extensa propriedade do Fasano Trancoso, vimos finalmente uma família de macacos a pular de árvore em árvore. Desde o início da viagem que os procurávamos. Sabíamos que andavam por ali, que costumam atirar cocos aos telhados e que a presença deles é normalmente detetada pela quantidade de bromélias atiradas para o chão.

“Temos cá várias famílias”, relata Lucas Pelizzon, gerente de operações do famoso hotel de raiz brasileira. “Se estiver atento às árvores, a gente sempre encontra.” Percebendo a excitação provocada pelo tema, acrescenta: “Aquele de cara branca era o mico. Chamamos de miquinho.” Micos ou saguis ou soins ou socoló ou sairi... muitos nomes para os mesmos pequenos nativos destas florestas brasileiras, como a Mata Atlântica, Amazônia e Cerrado, representantes dos Callitrichidae, uma das cinco famílias de primatas do Brasil.

Estamos na Praia de Itapororoca. Apenas três quilómetros a sul da vila de Trancoso e numa quietude que parece de outro mundo. Foi aqui que, em fevereiro passado (2025), se assistiu à desova de 130 filhotes de tartaruga-cabeçuda. Saíram do ninho e correram para o mar. E percebe-se facilmente porquê...

Entre palmeiras e amendoeiras, floresta densa e praia extensa, recifes que se avistam na maré vazia, repletos de peixes e corais de múltiplas cores, o pôr do Sol que não vem com *drinks*... Aqui não há bares, não há música nem colunas, não há guarda-sóis, não há *hype*. De vez em quando, passa alguém a caminhar no areal. Se andarmos um pouco, talvez vejamos um ou outro pescador, usando ainda linhas e cestos tradicionais.

Itapororoca vem de dois vocábulos indígenas, do tupi-guarani. Significa “pedra” e “encontro de águas”. Nesta praia, encontrámos muita coisa e acabámos por não ver nada, não estar à procura de nada. O lugar parece sagrado. Um santuário. Não vimos tartarugas (apesar de desovarem entre setembro e março). Mas podíamos ter visto.

O que é que a Baiana tem

Ficámos mais de dez minutos à espera que o portão da Reserva abrisse para passarmos. Entre uma falha de comunicação, a extensão do complexo e a segurança rigorosa, percebe-se que não é fácil entrar nestes quase trezentos hectares de propriedade, mesmo sendo convidado. Chovia copiosamente. E, enquanto esperávamos na *van*, Thomas contou-nos a razão do nome daquele pássaro com um piar peculiar. “É o pássaro Quero-Quero. Vocês perguntam “Quer chuva?” e ele responde “Quero-Quero””. Foi a rir que descemos pela estrada que liga a entrada da Reserva Trancoso à receção do Fasano. Demorámos cerca de quinze minutos a percorrê-la.

O complexo é gigante. Reúne 23 villas, abriga 200 hectares de Mata Atlântica e o Fasano, eleito 5º melhor hotel de praia do mundo pela prestigiada revista Condé Nast Traveler.

Fizemo-nos aos caminhos de carrinho de golfe (a partir da receção do hotel não são permitidos automóveis), espreitámos alguns dos 40 *bungalows* (que têm dos 60 aos 210 metros quadrados de área), o spa, o super-ginásio (academia, no português daqui)



2

3



4



e acabámos a jantar num dos dois restaurantes, que equilibra as tradições italianas da marca e incorpora orgulhosamente o receituário baiano.

O mar não se vê quando nos sentamos para jantar, mas sente-se em todos os poros. O projeto minimalista de Isay Weinfeld abdicou das portas e janelas. E no interior do restaurante é o ar do mar que se cheira e o clima tropical que experimentamos. É Bahia, é Brasil. No ar e no prato.

A refeição começa com mini-acarajé com molhos; bolinhos e casquinha de siri e pastéis variados. A baiana senta-se à mesa connosco. Uma baiana elegante, é certo. Cuidadosa com o produto, a técnica e a apresentação, mas exibindo em glória o seu bolinho de feijão fradinho e cebola, frito com azeite de dendê (produzido a partir do fruto de uma palmeira), os recheios de vatapá (uma pasta feita com azeite de dendê, castanhas, camarão seco e farinha de pão amanhecido, o pão “velho”), vinagrete e camarão seco.

Esta baiana representada à mesa do sofisticado Fasano tinha alma de Elma, a dona da banca de acarajé e tapioca lá do Quadrado, no centro de Trancoso. Porque há Bahia a sair pelos poros das frituras, mistura de alma orgulhosa e saber ancestral.

Elma Oliveira tem 40 anos e está no Quadrado há 14, mas desde que casou que faz e vende acarajé com o marido. “Fazemos a massa de feijão e os molhos todos os dias. O nosso produto é 100% diário.”, garante.

Elma é a típica baiana de acarajé, uma figura reconhecida como Património Cultural Imaterial do Brasil, guardiã de um saber ancestral. O lenço que tem na cabeça (ou torço ou pano de cabeça) faz parte da indumentária tradicional. Liga tradições africanas e influências barrocas europeias. É um dos símbolos mais poderosos da cultura afro-brasileira e representa resistência, religiosidade e identidade cultural. Acarajé é pedaço de comida, sim. Mas é também país. É cultura. É alma. Com raça. Ou se ama ou se odeia. Sem meias medidas.

Da floresta, do mar e da brasa

“A Bahia é um lugar de muita representatividade, de muita fé, de muita história. Eu me sinto muito orgulhosa de fazer parte desse projeto”, começa por dizer Victoria Flechter, chef de cozinha do Almar Trancoso. Estamos na Praia dos Coqueiros, quinze minutos a pé do centro de Trancoso, num restaurante e bar de praia feito de madeira e palha, mas também de sonhos e aspirações. Recebe-nos Jimmy, gerente da felicidade, empregado de sala que já foi cozinheiro,

Costa-riquenho que se enamorou de uma moça de Trancoso, casou e emigrou com ela.

“Boas escolhas” é a palavra-passe do *wifi*. Não só, mas também... “O Almar começa com um movimento para causar impacto positivo no nosso bioma”, explica Victoria logo à partida. É um conceito de sustentabilidade, *from nose to tail*, como dizer de cima a baixo, das entranhas até às “extranhas”. Aposta-se nos produtores locais, trabalha-se para ser 100% orgânico e provocar zero desperdício, faz-se maturação do peixe *in-house* e formam-se pescadores para praticar o *ikejime*, a técnica japonesa milenar de abate de peixes que maximiza a qualidade da carne, sabor (umami) e frescura, retardando a deterioração e o rigor mortis.

“Os clientes procuram-nos, sobretudo, pelo peixe”, continua a chef. “No Verão do ano passado, para ter noção, comprámos em média duas toneladas por mês. Somos o único lugar onde tem peixe daqui, peixe fresco, o que, com essa baía enorme, é muito maluco.”, ironiza a cozinheira sentada numa das mesas do restaurante. A separar esta sala do bar, em cima do aparador, lê-se numa tábuia de madeira reciclada: “A voz do mar fala com a alma”.

Dez passos à nossa frente, a debater-se com a chuva e o vento, um pequeno barco verde e amarelo,

- 1 Restaurante, Fasano Trancoso Hotel e Villas
- 2 Beach Bar, Uxuá Casa, Hotel & Spa
- 3 Uxuá Maré
- 4 Vida Spa, Uxuá Casa, Hotel & Spa
- 5 Fasano Trancoso Hotel e Villas
- 6 Spa, Fasano Trancoso Hotel e Villas
- 6 Vida Restaurante & Bar, Uxuá Casa, Hotel & Spa





1



2

das cores da bandeira, balança ao sabor das ondas. É o barco de Itamar, um dos quatro pescadores que fornecem o Almar.

O *beach club* nasceu da vontade de contribuir para o desenvolvimento positivo da região, “de criar uma experiência deliciosa sem comprometer o futuro do planeta”, sublinha a cozinheira natural de Curitiba. “Quando penso em criar um prato, tenho sempre essa responsabilidade sobre a cadeia produtiva.”

Tomemos a Acelga, o prato favorito da chef, como exemplo. “São só acelgas, mas o contexto é gigantesco. Braseamos essa acelga folha por folha e fazemos uma *glace* vegana. Basicamente, um caldo que fica a reduzir três a quatro dias, para conseguir ter o suprassumo da *glace*. Finalizamos essa *glace* vegana com um *chili crunch*, um óleo de pimentas com castanhas brasileiras, gergelim e creme de castanha do caju fermentada e uma castanha do Pará ralada.”

O Almar é “o ponto de encontro das boas escolhas”, lê-se no manifesto. “Nasce com a sensação de estar renascendo.” Um projeto que quer resgatar a essência de Trancoso, pensado e concretizado por Marcel Leite filho de Sandra Marques e Nando Leite, os fundadores do icónico restaurante Capim Santo, inaugurado no centro de Trancoso há mais de 40 anos.

Nativos & naturalistas

“Trancoso é um lugar muito diferente.”, descreve Luciana, a paulistana diretora de vendas do Uxuá. Fundada por jesuítas por volta de 1586 para catequizar indígenas, a vila preserva ainda hoje um certo visual colonial. É centrada no Quadrado, que na verdade é um retângulo, um campo de terra e relva ladeado por casinhas coloridas, hoje restaurantes, hotéis, bares e lojas, e encabeçado pela Igreja de São João Batista (do século XVII/XVIII). Porquê quadrado se é retângulo?... Porque não era redondo, como as praças clássicas da região.

“Era uma vila de pescadores. Até os anos 70, umas 300 pessoas moravam aqui. Não tinha energia elétrica, quase não se usava dinheiro. As pessoas moravam em fazendas e vinham para o Quadrado nas datas comemorativas: nas festas de São Sebastião (19 e 20 de janeiro), o Dia de São Brás (3 de fevereiro). Era uma vida comunitária. Os *hippies* e artistas acharam Trancoso lá no final dos anos 70, começo dos anos 80. Então começaram a vir para cá buscando um estilo de vida utópico.”

Foi o caso dos pais de Marcel, Nando e Sandra. O casal chegou a Trancoso nos anos 80 e fez parte do grupo

de jovens que redescobriu o vilarejo, transformando a cena gastronômica local. O pai era estudante de economia, tinha deixado tudo para viajar o mundo. A mãe, arquiteta, trouxe para a cozinha influências da agricultura biodinâmica e das tradições libanesa e caçara da sua família. Caiçara é uma população tradicional do litoral sudeste e sul do Brasil, resultante da miscigenação entre indígenas, europeus e africanos. São tradicionalmente pescadores e agricultores artesanais que vivem em harmonia com a Mata Atlântica, com forte ligação ao território.

“O Quadrado era um espaço de encontro de pescadores e agricultores de subsistência, onde aconteciam festividades tradicionais e o escambo de alimentos. Existia um sincretismo muito forte entre as tradições religiosas e culturais, com influências principalmente indígenas e portuguesas através dos jesuítas. Nessa época, os nativos chamavam o pessoal de fora de *biribando*, o nome dado a uma geração de alternativos e *hippies* que chegaram



4

1 Pousada Tutabel
2 Spa, Pousada Tutabel
3 Fasano Trancoso Hotel e Villas

4 Laura Ramallo, diretora da Organização de Turismo de Trancoso (OTT)

aqui a partir da década de 1970”, contou Marcel em entrevista à Forbes.

Rapidamente Trancoso se tornou um refúgio boémio. Um lugar livre, onde se valorizava a natureza e a cultura local. Artistas como Sônia Braga, Bruna Lombardi, Elba Ramalho, Débora Bloch e Vanessa da Mata apaixonaram-se pelo lugar, vários filmes foram rodados na região. Numa época em que tudo era muito simples, as pessoas eram atraídas por uma vida à margem da sociedade urbana convencional, um estilo de vida mais livre, um ritmo mais lento.

Nos anos 80, empresários começaram a construir casas de férias requintadas; em 1999 abriu-se uma nova estrada ligando a região ao aeroporto comercial em Porto Seguro (a cerca de 40 quilómetros); em 2003, inaugurou o Club Med a dez minutos do centro e, na última década, terminou-se o Terravista Golf Resort, com mansões a partir de cinco milhões de reais (800 mil euros). O Aeroporto Terravista e

1



2



3



4



5

alguns heliportos privados trazem os bilionários de São Paulo e sabe-se que, entre os visitantes regulares, estão nomes como o de Naomi Campbell, Gisele Bundchen e Diane von Furstenberg.

“Hoje em dia, temos muitas influências internacionais.”, aponta Luciana do Uxué Casa, Hotel & Spa que, entre muitos (excelentes) atributos, conta com uma piscina forrada de 40 mil pedras de quartzo aventurina verde. “Em Trancoso tem restaurante português, tem um sushi ótimo... tem várias influências que transformaram a vila no que é hoje, mas o interessante, o que todo mundo comenta, é que se conseguiu manter as origens. Ao mesmo tempo que tem influências internacionais, você encontra gente de todos os lugares do mundo aqui, todo mundo de chinelo, de havaianas, de *shorts* e um lugar super *low profile*, mas com as tradições ainda muito ricas.”

Segundo Laura Ramallo, diretora da OTT, o “desafio é manter esse equilíbrio. Não perder a essência, a nossa cultura, a tradição. Houve um crescimento muito grande nos últimos 20 anos, mas não podemos colocar em perigo o mantra de Trancoso: a calma, a paz, o encontro com a natureza. Quando você encontra esse silêncio, esse momento onde você ouve o pássaro e de repente você está aqui, aparece um macaco, aparece um preguiça...” É quando a magia acontece.

Porque Trancoso não é quadrado. Nem retangular. Nem tão-pouco circular. É arejado, contemporâneo, arrojado, sofisticado, regional, rústico, autêntico e natural. É o que se quiser. É livre. É permitir ser-se livre. Saravá, Trancoso!

Dupla Anterior

1 a 4

Fasano Trancoso
Hotel e Villas

5

Spa, Fasano Trancoso
Hotel e Villas

Nesta Dupla

1 a 3

Almar Trancoso

4

Capim Santo

1



3

2



4



COMER

Almar Trancoso

Praia dos Coqueiros, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 9823 4321
almartrancoso.com

Calá & Divino

Praia do Espelho
Estrada de Trancoso, km22, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 99840 6285
calaedivino.com

Capim Santo

R. do Beco, 55
Quadrado, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3018 3864
pousadacapimsanto.com.br

El Gordo

Quadrado, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3668 1193
pousadaelgordo.com.br/gastronomia

Jacaré do Brasil

R. Carlos Alberto Parracho, 121
Quadrado, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3668 2158
jacaredobrasil.com.br

Muru

Praça S. João Batista 389
Quadrado, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
instagram.com/murutrancoso

O Cacau

Praça S. João Batista 96
Quadrado, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3668 1266
instagram.com/ocacau

Terravista Restaurante & Beach Club

Estrada Municipal de Trancoso, km18
Terravista
45810-000 Porto Seguro, Bahia
villavista.com.br

Tutabar

Praia de Itapororoca
Estrada do Rio Verde n.3.200, Trancoso
45810-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3668 2840
tutabel.com.br/tutabar

Uxué Praia Bar

Praia dos Nativos - Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 99987 5821
guestbook.uxua.com/pt/uxua-praia

Zé Barbudo

Praia dos Nativos
Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
instagram.com/zebarbudolounge



FICAR

Calá & Divino

Praia do Espelho
Estrada de Trancoso km22, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 99840 6285
calaedivino.com

Fasano

Praia de Itapororoca
Estrada de Itaquina, 3925, Trancoso
45810-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3018 2929
fasano.com.br

Maion Boutique Hotel

Praia do Espelho
Rodovia BA, 283, Trancoso
45810-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 99820 2019
maionhotel.com.br

Pousada Tutabel

Sítio Santo Antônio
Estrada do Rio Verde 3000, Trancoso
45810-000 Porto Seguro, Bahia
+55 11 2770 0237
tutabel.com.br

Uxué Maré

Estrada de Itapororoca, 2277, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3668 2277
uxua.com/pt/uxua-mare

Uxué Trancoso

Quadrado, Trancoso
45818-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3668 2277
uxua.com/pt



LAZER

Lenny Niemeyer

Praça S. João Batista
Quadrado Trancoso
45810-000 Porto Seguro, Bahia
+55 73 3668 1908
lennyniemeyer.com.br

Parque Nacional e Histórico do Monte Pascoal

instagram.com/
parnahistoricomontepascoal

Rolen Dantas

instagram.com/rolendantas

Teatro L'Occitane

terravistabrasil.com.br/teatro-loccitane

A TAP voa diariamente para Salvador da Bahia, com preços a partir de 729 euros, com todas as taxas incluídas.